

Diversão & Arte

SOB AS ASAS DA LIBERDADE

» RICARDO DAEHN

Foi a partir da imagem que o Superman (Christopher Reeve) construiu com os fãs que o ator Anthony Mackie moldou a interpretação do personagem Capitão América. À frente do 35º longa do Universo Marvel e do icônico personagem, Mackie entra num furacão de enredo sob o comando dos produtores Kevin Feige e Nate Moore. *Capitão América: admirável mundo novo*, em cartaz a partir de hoje, nas sessões regulares, pretende dar um norte de motivação para atitudes heróicas dos espectadores. Para os cinéfilos de todas as eras, a presença imponente de Harrison Ford no elenco deve pesar na ida aos cinemas.

Os quadrinhos originais de Jack Kirby, Joe Simon, Stan Lee e Gene Colan foram ajustados ao roteiro da telona em que o protagonista está a serviço da segurança no globo inteiro. O singular militar do título tenta desmascarar mentores de ações que envolverão, entre outros, o criador da Sociedade da Serpente (repleta de assassinos de aluguel), Sidewinder (papel de Giancarlo Esposito, em versão de olhos azuis) e um tipo chamado Líder, que emerge da persona de Samuel Sterns (vivido pelo veterano Tim Blake Nelson). O retorno do grande herói da Marvel se dá 90 dias antes da estreia de peso chamada *Thunderbolts*, que promete carregar elementos deste novo longa. Entusiasmado pela ideia de elevar o senso de comunidade nos Estados Unidos, curiosamente, Julius Onah é um cineasta, e imigrante nigeriano, que dá o tom do filme. Numa brecha de trailers, muitos fãs têm previsto a aceleração



Danny Ramirez e Anthony Mackie: à frente da ação da Marvel



O presidente Thaddeus Ross (Harrison Ford), no novo Capitão América

da chegada de mutantes ao MCU, o Universo Cinematográfico da Marvel.

A "honra singular para uma vida" de interpretar Capitão América coube a Mackie, mas não antes de uma polêmica. Se o Brasil

teve o Capitão Nascimento, a América do Norte teria seu Capitão América, certo? Não, necessariamente, pelo que o ator declarou para a revista *Vanity Fair*. Dignidade, integridade, segurança e responsabilidade

poderiam ser dissociadas ao termo América, pelo que disse Anthony Mackie. O tremular de bandeiras e menos ainda a concepção de estandarte norte-americano entusiasmaram as falas do astro à imprensa. Com parentesco mexicano e colombiano, o ator Danny Ramirez (de *Top Gun: Maverick*) dará vida ao agitado Falcão, o ex-paraquedista Joaquin Torres. Na trama, ainda haverá a agente do serviço secreto Leila Taylor (Xosha Roquemore).

O roteiro do novo longa, orçado em US\$ 180 milhões, leva a assinatura de Dalan Musson (de Falcão e o Soldado Invernal), de Rob Edwards, o autor da aventura Disney *A princesa e o sapo*, e ainda de Malcolm Spellman (da série *Bel-Air* e da criação de Falcão e o Soldado Invernal). Na trama, um presidente que não é laranja, na verdade, vermelho, ganhará as feições de Hulk. O enredo se passa depois da assimilação completa de Sam Wilson de obter o reconhecimento de Steve Rogers (que entregou o escudo indissociável ao herói), numa origem em que Wilson hesitou aceitar. Há fatores estranhos na trama em que o presidente está na mira de eventuais criminosos, uma vez, jurado de morte.

Personagens entrelaçados às tramoias da Marvel incrementarão tudo: de Liv Tyler vivendo Betty Ross, ao biólogo contaminado pelo sangue do incrível Hulk (o personagem Samuel Sterns), passando pelo veterano Isaiah Bradley, atormentado por uma música, depois de 30 anos de reclusão pelo empenho na guerra da Coreia; personagem de Carl Lumbly.

NO QUARTO FILME SOLO DO HERÓI DA MARVEL, **CAPITÃO AMÉRICA** CHEGA AOS CINEMAS REPLETO DE REFORMULAÇÕES. ENQUANTO ISSO, A BRASILENSE **RAFAELA CAMELO** ENTRA, AMANHÃ, NA DISPUTA DO FESTIVAL DE BERLIM



Anthony Mackie no filme da Marvel

PROJEÇÃO BRASILENSE

A diretora brasiliense Rafaela Camelo apresenta o longa *A natureza das coisas invisíveis* na programação do 75º Festival de Berlim (que começa hoje), dentro da mostra Generation, de cunho competitivo. "Acho que a projeção de Ainda estou aqui traz um bom indício de que tempos melhores podem estar por vir", analisa a diretora, em entrevista ao Correio. "A gente vê o povo brasileiro tendo orgulho do cinema nacional, e acho que, por si, isso já é um grande ganho. Reflete num ganho de autoestima e de fôlego para quem faz cinema no Brasil. A projeção não é só de Ainda estou aqui, mas de outros filmes que, no passado, tiveram uma repercussão grande em festivais", completa. Entre a celebração de Rafaela há o fator de integrar uma comitiva brasileira com 12 filmes. "Vemos que o cinema brasileiro está muito bem representado", pontua. (RD)

Duas perguntas // Rafaela Camelo, cineasta

Como nota isso de representar Brasília no exterior?

No festival, a equipe inteira compartilha o sentimento de alegria e orgulho muito grandes em levar esse filme de Brasília para exibir em Berlim. A gente sabe como o festival desse porte é, ao projetar o futuro de filmes, e temos uma expectativa muito grande com o que vai acontecer após Berlim. É orgulho para a gente, e orgulho para para a nossa cidade. Estamos muito felizes. Muitos somos egressos do curso de audiovisual da UnB: o Otávio Chamorro, a Daniela Marinho, ambos produtores, e eu. E, dentro da equipe, também tem várias pessoas, daí vir a alegria tremenda. Acho que é o resultado de um trabalho que construímos, há muitos anos, desde a produção de curtas curtas.



A maior parte deles teve apoio do Fundo de Apoio à Cultura. Brasília chega à projeção internacional.

Acha que estar na Generation injeta uma visibilidade, com otimismo, no público jovem?

O filme fala sobre questões relacionadas à morte e ao luto. Surgiu muito dessa dinâmica. Veio da vontade minha de falar sobre temas considerados tabus. Coisas que se enxerga com um pouco mais de medo, mas que existem sob o aspecto do fascínio. Falamos de um dos grandes dilemas de nossa existência: a questão da vida após a morte, enfim, e da questão da fragilidade humana, algo que está na abordagem do filme. A perspectiva é bastante amorosa e afetiva. É um filme com contorno multigeracional. Então, ele conversa com pessoas jovens, mas também



A natureza das coisas invisíveis: temas delicados

conversa com pessoas de outras faixas etárias. Esperamos que as pessoas saiam inspiradas a pensar sobre a vida, sobre os relacionamentos. Pensem sobre família que não é apenas formada por pai,

mãe e filhos. Mas essa grande família que pode ser formada por uma comunidade e por amigos. Esses grandes encontros feitos durante a vida, de laços potentes; de laços familiares.